

Souta, Luís (2020). *Romance no Espólio*. Lisboa: Edições Vírgula. [231 p.]



Em primeiro lugar quero agradecer o convite para estar presente e ser interveniente nesta sessão de lançamento de mais um livro de Luís Souta. Quero agradecer a iniciativa da Olisipo Forum por acolher uma atividade cultural em tempos em que as livrarias estão proibidas de o fazer pois, infelizmente, este bem ainda não é tido como bem de primeira necessidade.

É com o maior gosto que o faço. Para começar há que, como em qualquer investigação, fazer uma declaração de interesses e cito o que é estipulado nesta área para os/as deputados/as que nos representam na Assembleia da República: esta declaração, em “(...) formulário próprio, compreende todas as atividades suscetíveis de gerarem incompatibilidades ou impedimentos e, bem assim, quaisquer atos que possam proporcionar proveitos financeiros ou conflitos de interesses (...)”¹

Tenho de dizer que por diversas razões, gosto sempre de ler o que Luís Souta escreve, seja a nível profissional, seja na área da literatura. Tenho-o seguido, desde 1989, quando publicou a coletânea *A mulher nas bocas do povo e na pena dos escritores*. De então para cá, várias áreas tem percorrido e, dos livros que coloca na biografia (Souta, 2016: 77) e que vão das memórias ficcionadas ao ensaio, passando também pela poesia e pelo livro juvenil, creio que esta é a 6ª vez que, ou apresento ou escrevo ou estou presente em lançamentos de obras de Luís Souta. Faltava agora o romance.

Além desta relação de leitora, atenta ao que vai publicando, trabalhámos na mesma instituição mais de três dezenas de anos. Creio que, de todos os presentes nesta sessão, em termos profissionais, serei a que mais tempo com ele conviveu. Aí tivemos, como é saudável, áreas de maior ou menor convergência mas pautadas

¹ Declaração de interesses. In <https://www.parlamento.pt/RegistoInteresses/Paginas/default.aspx>

sempre por um enorme respeito mútuo, rigor e militância empenhada na qualidade da Educação. A disponibilidade para uma boa troca de argumentos e de análise de pontos de vista é decididamente uma das suas qualidades. Numa atitude de rigor, tenho de dizer-lhe que, agora, na instituição onde estive, usando as palavras de Inês Pedrosa, “Fazes-me falta”, muitas vezes pela discordância, pela reflexão atempada e acutilante ou apenas pela convergência também.

Por estas razões é um privilégio voltar a ser convidada para uma sessão deste tipo.

Neste caso específico – o lançamento do primeiro romance de Luís Souta –, a minha presença tem um outro e novo sentido: o André Carmo e eu tivemos o repto de fazer a revisão do original, isto é, depois da fase final da escrita mas muito antes também da partilha do texto com, primeiro os outros intervenientes obrigatórios e, agora, com os presentes nesta sessão mais íntima e, depois, com o mercado, ou seja, com todas as outras pessoas que, de agora em diante, o venham a ler.

Acabada esta explicação sobre o conhecimento que tenho do autor, passo ao tema que aqui nos juntou: o livro *Romance no Espólio* (2020).

Comecemos pelo princípio:

Decidi abordar esta obra sob dois prismas: o da escrita e o que foi a tarefa de revisão do texto; e outro mais breve, o do conteúdo ao qual não se pode fugir quer pelo conhecimento profissional e pessoal que tenho do autor e da compreensão específica sobre o tema abordado no livro.

Sei que acedi, com entusiasmo, à tarefa de fazer a revisão do livro mas, só quando recebi o texto (não em papel mas num impessoal, inodoro e incolor anexo a uma mensagem eletrónica), me perguntei: Por que me meti neste percurso? o que é fazer a revisão de um livro? Esta primeira versão, toda lida *online*, foi uma experiência que nunca havia tido. Não vou aqui aprofundar as questões que se me colocaram pois, se condescendo e aceito ouvir um romance em audiolivro, ler romances em formato *e-book* ou *online* não é, por diversas razões, uma opção para mim mas, dadas as circunstâncias dos tempos que passamos, não houve outro remédio... até porque, se há possibilidade de fazer de outra maneira é bom que se faça; não fazer, não era opção!

Não era a primeira vez que fazia revisão de textos mas, até então, apenas as de teses, dissertações, ou ainda muitos manuais escolares, em grupos de trabalho sob a coordenação do Luís Souta. Já tinha feito muitas mas, nunca a de um romance! Esta foi a primeira dificuldade: rever implica ler, também. Sem formação na área, vi-me na pele daqueles atores e atrizes que roubam o trabalho aos manequins profissionais... mas que, neste caso, apenas o fazem por considerar a qualidade do livro.

Em alguns tempos, ou melhor dizendo, sempre, houve uma enorme confusão entre ambas as situações: a da revisora e a da leitora: via a escrita mas, sem dar conta, enleava-me na trama do texto prestando mais atenção ao entrelaçar das situações do que aos parágrafos, expressões, figuras de estilo e por aí fora.

Tinha decidido que a leitura – fruição do romance – ficaria para mais tarde pois calhou mesmo em cima de uma série de tarefas profissionais inadiáveis mas, só me lembrei disso depois de dar conta que, ao fim do que me pareceu muito (pouco) tempo, tinha chegado à página 150, o total das que compunham o tal texto que tinha recebido...

Como disse, optei, então, por assumir que iria ler o livro em vez de o perflustrar ou seja, “percorrer, observando ou examinando” (<https://www.priberam.pt/dlpo/perflustrar>).

A tarefa de revisão, partilhada com o André Carmo, foi acessível: neste como em todos os livros anteriores, da poesia à ficção, sempre o mesmo rigor; um gosto pela forma física do livro, pela economia da palavra, pela escolha das mais adequadas, pela escrita correta, sem erros ortográficos, de construção ou de qualquer outro tipo.

Como referi, tivemos acesso a um primeiro texto de trabalho, de 150 páginas; passou a 159 e, na versão aqui final, a 231 páginas. Esse original, quando nos foi entregue, já tinha sido previamente alterado pelo próprio autor, com as indicações específicas do tipo de letra a usar, formatação a incluir, espaçamento a respeitar...

Depois da revisão, constatei que todas as sugestões e proposta de alteração sugeridas pela/o revisor(a) forma escrupulosamente aceites e integradas no texto final.

Por experiência anterior, sabia já que há um aspeto que salta imediatamente à vista e nos acompanha ao longo de todo o livro: a forma irrepreensível da escrita. Todos sabemos como Luís Souta cultiva, como forma de estar na vida e como forma de comunicar, a arte de bem escrever. Aqui repete a sua obsessão pela clareza, pela

articulação entre ideias, pela fluência e pela síntese de ideias, ligadas entre si, em parágrafos curtos, perdendo-se nos detalhes apenas quando isso facilita a nossa compreensão. O rigor, quer científico quer linguístico, lexical ou outro é para ser levado a sério. Os tipos de registo de língua usados – do calão, ao científico, ao erudito, ao étnico – são aqui manuseados sem problemas. Domina a língua e escolhe as palavras como quem faz filigrana em ouro pois, como dizia Eugénio de Andrade, para ele as palavras “são como um cristal/as palavras/ algumas, um punhal/ um incêndio/outras, orvalho apenas/ secretas vêm, cheias de memória” (poema: As palavras).

Ao contrário do poeta, que referia que, a certa altura da sua vida, as palavras “já não me obedecem”, Luís Souta domina-as e exige-lhes o rigor adequado quer na imagética quer no ritmo que imprime a cada capítulo. Como o poeta, Luís Souta espera, com infinita paciência, “que a palavra se desprenda como um fruto/ao passar o vento que a mereça” (Poema: Sê paciente, espera). Como o poeta também, Luís Souta tem uma predileção pela palavra certa em cada circunstância. Como diz ainda Eugénio de Andrade: “Eu gosto delas, nunca tive outra paixão” (poema: Agora as palavras²).

Ao receber depois a prova final, como já referi, sem problemas alguns, em conjunto com a proposta de capa e de formato e, depois de voltar à Abertura (pp. 7-9) e ao Fecho (p. 213) dei comigo a pensar neste romance como uma peça musical e que poderia muito bem ser um guião de um filme do cineasta que Luís Souta muito preza, ou seja, de Woody Allen. Em relação à forma musical, a abertura é, como na ópera, o espaço de caracterização de certas personagens e situações em que vivem; ao longo do livro, os diversos capítulos não são mais do que acordes perfeitos (tidos como execução simultânea de sons diferentes) em atos diferentes (ou seja, as secções em que a estória é dividida), é um permanente contraponto de melodias que se desenvolvem em simultâneo, com algumas fugas em relação ao contraponto uma vez que, de tempos a tempos, se assiste a uma sucessão de partes que correm umas atrás de outras de maneira criar uma sonata mozartiana, ou seja, uma obra composta de 4 movimentos: um primeiro, o capítulo *Desocultar*, rápido; um segundo *Levantar a*

² in Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/antologia/agora-as-palavras/379> [consultado em 18-02-2021]

pedra, mais lento e com variações; um terceiro, *Esgravatar no passado*, mais dançante como um minuete e um quarto, *Dávidas*, enérgico e em jeito de conclusão.

Os apêndices (incluindo notas de 3 páginas com todas referências bibliográficas), glossário (com todas as siglas) e fecho (de repto para escrita de um segundo romance) vi-as como a parte técnica da memória descritiva do filme...

Mas, volte-se ao livro, na forma de romance:

Quando mais tarde fui convidada para estar presente nesta sessão e nela intervir, questionei-me sobre o que poderia dizer. Aqui como sempre, o Luís Souta convida, mas nem uma palavra de imposição/orientação sobre o que quer que seja, nem mesmo quanto ao tempo de que se dispõe, sabendo o Luís como tenho uma relação menos boa com essa grandeza física... O trapézio é todo nosso!

Por que razão falar, intervir num lançamento de um livro?

Todos sabemos que o lançamento do livro tem subjacentes dois objetivos fundamentais: por um lado, dar a conhecer, fazer sobressair, de entre o universo de livros editados, um que nos toca particularmente, colocando em diálogo alguns presumíveis interessados numa obra: falar sobre o autor/a, sobre as motivações, sobre as causas, sobre a teia de construção daquele objeto final que nos é dado para dele desfrutarmos, de aparência solitária como é a leitura; por outro, promover as vendas possíveis e desejáveis.

A apresentação pode ser uma ferramenta de promoção mas, para mim é apenas um momento de apoio, pessoal, aos autores e de reflexão/gosto pela partilha à volta de um livro como poderia ser à volta de uma exposição...

Esta apresentação não foge a este figurino se bem que, além do ponto de vista da editora temos ainda, nesta sessão, depois desta minha fala, mais três pontos neste painel – o da escrita, o da temática específica e o da reflexão teórica... ao qual se acrescenta, como sabemos, uma proposta de leitura dramatizada de excertos.

Com uma liberdade total, tivemos de escolher o que revelar, o que dizer sobre o livro nesta sessão.

Uma intervenção numa reunião deste tipo pode ser uma paragem no quotidiano na qual apoiamos o autor (falando do livro, ouvindo alguém refletir sobre o conteúdo, comprando-o, esperando um autógrafo...) ou uma sessão em que nada se aprende e damos por muito mal empregue o tempo ali gasto.

Pensei: vou partilhar a tarefa da revisão ou algo mais do que isso? Poderia também partilhar as impressões que me provocara o livro? Não fazia sentido ler uma obra destas sem a divulgar, sem pensar sobre o que ela nos queria dizer.

Por isso, apresentei esta primeira parte da minha intervenção centrada na revisão do livro e deixei uma segunda, a que se segue, para outro aspeto que muito me diz, neste romance, ou seja, para a primeira questão que se me colocou e que foi: Por que razão aquele título, sobretudo a segunda parte...

Não me lembro de outra obra literária e, quer por dever profissional quer por gosto pessoal, tenho lido muitas sobre o assunto mas, não me recordo, repito, de alguma que tão bem explore a temática do espólio³ como suporte base de uma análise retrospectiva da vida de uma das personagens principais e que seja, ao mesmo tempo, o subterfúgio para o autor se expor, sem pruridos, numa imagem autobiográfica.

É a ele que o Luís Souta vai buscar a componente biográfica, pessoal e amorosa assim como profissional do professor, no centro da narrativa.

Um espólio leva uma vida inteira a criar; a arrumar, nem sempre. A ideia deste 1º romance esteve sempre lá; de 2001/2002 em diante, ou seja, há mais de 20 anos, Luís Souta vinha sedimentando ideias pois até já haviam sido publicados pequenos excertos noutros formatos.

Não é a primeira vez que, a propósito de arrumação de papeis, Luís Souta escreve um livro. Ele mesmo já andou a remexer nos papeis que confessa ter... “Durante 15 anos cultivei a prática do envio de postais” (Souta, 2016: 9).

Um pequeno aparte neste processo de arrumação de um espólio: sei, porque Luís Souta no-lo disse, que uma das tarefas a que se iria dedicar, neste novo tempo de reforma, seria o da arrumação e papeis diversos que tinha urgência em analisar. Quando recebi o exemplar final do livro – *Romance no Espólio* – fiquei deveras comovida pois, junto a ele vinha este exemplar de Luís Oliveira Guimarães, de 1943, sobre *As Mulheres na obra de Eça de Queiroz*.

³ “(...) acervo documental complexo, constituindo uma unidade orgânica, decorrente da actividade literária... de intervenção cívica e cultural de determinada pessoa e composta pela respetiva obra manuscrita ou equiparada (...) e pelos conjuntos de documentos que a essa pessoa foram enviados ou por ela recolhidos (...)” (Oliveira, 1992: 108).

Esta ligação e gosto por espólios não era para mim uma novidade sobre Luís Souta; mas foi o facto dele se despojar de um livro que pertencera, em tempos ao espólio do jornalista Artur Inês e que Luís Souta e António Mendes Lopes haviam adquirido há muitos anos... foi, esse sim, uma dádiva que nunca esperaria e que faço questão de, aqui, publicamente, agradecer...

Detenhamo-nos um pouco neste tópico: Todos sabemos que mexer em baús de memórias significa sempre um “(...) reencontro com a própria vida” e que eles “(...) guardam segredos, emoções, sonhos, expectativas, projetos, costumes e práticas. Com o correr dos anos, talvez não se saiba muito bem o que representaram quando foram escritos ou conservados, mas continuam protegidos de olhares indiscretos (...)” (Mignot, 2003: 5).

Ao mexer nestes papéis, por acaso, num período de pensar sobre o passado, vários os sentimentos espoletados: a ansiedade e tristeza de alguém que tenta visitar um espaço e um tempo que sabe que não vai mais ser usado da mesma forma, o pudor de mexer em objetos que outrem deixou, o confronto com esquecimentos, a seleção do que se quer revelar, omitindo o que nos incomoda,...

Qualquer um de nós sabe o que se sente quando meteu ombros à tarefa de mexer em papéis velhos; também qualquer professor que escreve muito fá-lo “(...) para comunicar, punir, controlar, propor, resistir, exhibir e disputar espaços de poder no interior da escola (...)” (Mignot, 2003: 7). É esta dupla ligação umbilical, entre profissão e percurso de vida privada, no caso de Luís Souta, que ele aqui nos abre de par em par.

Alguns documentos foram escritos, como era usual com esse tipo de suporte, para informar sobre, para felicitar, para advertir, para lembrar, para ensinar, para partilhar, pelo trabalho, pelas viagens e foram “(...) redigidos de maneira mais tranquila ou apressada, servindo de pretexto para eternizar momentos que, muitas vezes/já se sabe nunca voltarão (...)” (Mignot, 2003: 35). Eles foram usados para registar “(...) em diário de bordo, detalhes, recantos, acontecimentos inusitados para avivar lembranças e evitar o esquecimento (Mignot, 2003: 35).

No livro de Luís Souta podemos identificar sempre as “(...) circunstâncias levaram a essa produção (...)” (Amaral, 2000. In Galvão, 2000: 20). Temos acesso ao conteúdo de um conjunto de documentos que, de forma subjetiva e sem que a possamos alterar, nos faz ser parte desta “(...) relação triangular (...)” (Riaudel, 2000. In

Galvão, 2000: 97) mas apenas como “voyeurs” uma vez que estamos perante um investigador que escreve só pensando no enigma que quer desvendar, pensa na pergunta de partida – definida pelo neto improvável – à qual quer trazer uma resposta. Nós somos cúmplices deles, do avô e do neto e, consoante a idade, mais de um do que do outro, num papel de leitores que se intrometem, de forma indiscreta, entre um avô e uma dezena de temas com um especial, o das namoradas e, por nem sempre termos os mesmos códigos que eles, nem tudo podemos compreender.

A forma como o neto faz a investigação sobre o passado dele e o do avô e a forma como o cruza com o do avô, através das leituras das missivas a que temos acesso, é apenas um subterfúgio para o autor rever o seu percurso de vida.

Da leitura destes fragmentos, o que ficamos a saber sobre o amante que os escreve e as mulheres que os recebem? E sobre o quotidiano? Do ponto de vista geral e do contexto em que vivem? E do ponto de vista das relações pessoais?

Este romance é, entre muitas outras hipóteses, uma interessante oportunidade de, tal como num espólio, convocar o passado, nas diversas vertentes pessoal, familiar, profissional e das relações afetivas também de Luís Souta: tive a oportunidade de, ao ler o livro, nele identificar muitas, muitas, muitas das vivências sobre as quais Luís Souta quer refletir. Tenho dezenas e dezenas anotações – perfazem um total de mais de 10 páginas – que, ao longo de todo o livro, são aproveitadas pelo autor para pensar sobre o que foi a vida dele, até agora. O livro é, neste campo, uma espécie de confronto com um passado: sem lamúrias, sem recriminações mas com muita força.

Nas entrelinhas temos a imagem de um homem reflexivo, que se mostra sem constrangimentos ao contrário do que faz nas referências, sempre muito reservadas e com pudor, à vida pessoal no quotidiano. O romance escancara a luta interior, a reflexão sobre o passado/presente constantes, adversidades e opções de um quotidiano pessoal, profissional, social e afetivo: dos cafés, às leituras, preocupações, causas como a da intervenção cívica e política, do rigor profissional, do questionamento constante de tudo o que faz. Ao leitor inveterado, ao cinéfilo militante e ao melómano em permanente construção é dado um espaço enorme, assim como aos namoros, casamento, desavenças amorosas num ajustar de contas com o passado, numa exposição de amores e geografias pessoais sempre de forma rigorosa, acutilante mas nunca deôntica ou desculpabilizante. Ao lermos o que

escreve, neste ou naquele pontos, sabemos que também já assim nos sentimos, já assim agimos. O livro serve para, nesta perspetiva autobiográfica, analisar também duas das paixões que Luís Souta sempre geriu ao longo da vida, a saber, a da educação e a da literatura.

Também aqui segue, como metodologia, o cânone do que é suposto que seja o de um romance – com um enredo, aqui quase de investigação policial, uma temporalidade (aqui com sobreposições e linhas quebradas entre presente e passado), ambientação (a de uma família com três polos geográficos primordiais e muitos mais afetivos) e personagens (cada uma com uma fisionomia específica), que nos prende da primeira à última página.

Neste romance que podemos ver como uma auto-etnografia, reflexiva, Luís Souta assume que pretende que, como ele, cada leitor/a sinta o prazer que se tira de “interpretar as relações entre a obra (os seus conteúdos, em concreto) e a vida real do escritor, (quase sempre) a sua fonte primária” (Souta, 2020: 30). Ao contrário do que pensava Joaquim Namorado, para quem nada interessava conhecer o autor mas apenas fixar-se nos escritos de cada um, creio que esta perspetiva de Luís Souta é mais desafiante para quem lê.

O romance a que temos acesso e no qual, como disse, encontramos uma partilha do percurso real de vida do autor, como ele só faz na ficção, tem de ser lido, tendo em conta a vontade de pensar no que fazemos, no que fizemos, como o fizemos. Para isso e, como Luís Souta gosta, deve ser lido sempre muito devagar pois, tal como Georges Steiner (2103), também Luís Souta poderia ter escrito que: “uma vida não refletida não é digna de ser vivida”.

Quanto à análise do romance em si, não foi para esse olhar que me convidaram a estar aqui presente...

Referências:

Editora Sítio do Livro: chancelas.

http://www.sitiodolivro.pt/epages/960741206.sf/pt_PT/?ObjectPath=/Shops/960741206/Categories/As_nossas_Chancelas (acedido em 2 fevereiro 2017)

Formas e termos musicais. Drops de temas musicais.

<https://www.malhanga.com/musica/Formas%20e%20Termos%20musicais.html>

- Hall, M. (2000). Raymond Chandler. In Galvão, W.N. e Gotlib, N.B. (org.) (2000)- *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras, pp. 69-75.
- Mezan, R. (2000). As cartas de Freud. In Galvão, W.N. e Gotlib, N.B. (org.) (2000)- *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras, pp. 159-173.
- Mignot, A.C.V. (2003). *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ, rede Sirius.
- Mindlin, B. (2000). A Panela feminina e feminista: cartas de mães a filhas. In Galvão, W.N. e Gotlib, N.B. (org.) (2000) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. S. Paulo, Brasil: Companhia das Letras, pp. 193-204.
- Steiner, G (2013). *A Ideia de Europa*. Lisboa: Gradiva.
- Souta, L., Dupic, L.; Souta, C. (2016). *Bichos à solta: 25 postais escritos por um pai à sua filha*. Lisboa: Edições Vírgula.